

Rezando também se aprende: saberes e práticas educativas das ladainhas em Breve-PAⁱ

By praying, you can also learn: knowledge and educational practices from litanies in Breves-PA

Paula Fernanda Pinheiro Souza
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
São Carlos-SP-Brasil
Maria Betânia Barbosa Albuquerque
Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém-PA-Brasil

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar as práticas educativas e os saberes circulados nos rituais de ladainhas realizadas na cidade de Breves-PA. Fundamenta-se nos pressupostos da História Cultural, em que a história “vista de baixo” (BURKE, 1992) ganha espaço ao considerar as vozes de sujeitos comuns como fontes para se narrar a história. O texto resulta de uma pesquisa etnográfica, sob a metodologia da História Oral, considerando como instrumentos de investigação entrevistas semiestruturadas e a observação em campo. Com base em Brandão (2007, 2010), Zumthor (2007, 2010) e Wulf (2016) concluímos que na educação das ladainhas circulam saberes religiosos, musicais e poéticos, sendo que os educadores desse tipo de “escola” são os próprios rezadores que mostram seu fazer a partir da vivência da prática ritualística.

Palavras-chave: Educação; Saberes; Ladainhas.

Abstract

This article aims to analyze the educational practices and knowledge circulated in the rituals of litanies held in the city of Breves-PA. It is based on the assumptions of Cultural History, in which history “seen from below” (BURKE, 1992) gains prominence when considering the voices of common subjects as sources for narrating history. This text is the result of ethnographic research, under the methodology of Oral History, considering semi-structured interviews and field observation as research instruments. Based on Brandão (2007, 2010), Zumthor (2007, 2010) and Wulf (2016) we conclude that in the education of litanies, religious, musical and poetic knowledge circulate, and the teachers of this type of “school” are those who pray and show their doing from the experience of ritualistic practice.

Keywords: Education; Knowledge; Litanies.

Introdução

Dentre os diversos rituais católicos, uma prática comum na cultura paraense são as ladainhas. Segundo Costa (2008), a ladainha consiste na entoação de invocações a Deus, a Cristo, aos Santos ou a Virgem Maria e podem ser tanto em louvor, quanto em solicitação de graças. Ao retomarmos o sentido etimológico do termo, observa-se que:

‘ladainha’ vem do grego; significa ‘súplica’ [...]. O vocabulário ‘ladainha’ indicou sempre a forma de oração coletiva que sempre foi empregada, desde os primeiros séculos, pelos cristãos que iam em procissão às diversas igrejas ou estações para assistir ao divino Sacrifício, segundo a liturgia do dia (DAMINO, 1957, p. 222).

Trata-se, assim, de uma oração de súplica que se caracteriza por “pedir, reclamar, chamar com insistência, invocar, gritar e, até, lutar na oração. Mas a sua forma mais habitual é o pedido” (SEHNEM, 2015, p. 20). Belo (2016), por sua vez, ressalta que, em latim, a palavra ladainha provém do vocábulo *litania* e significa “pedir insistentemente”. Como orações de solicitações ou agradecimento, uma parte do conteúdo é repetido várias vezes caracterizando sua dimensão de *insistência*. Afirma, ainda, que é uma oração breve em forma de responsório em que o povo responde às invocações rezadas ou entoadas por um sacerdote, um diácono ou um leigo. Possui característica de uma prática coletiva, uma vez que é rezada em conjunto pelos fiéis, estando inserida em contextos diversos.

No Brasil, a prática de rezar ladainhas remonta aos tempos da colonização. Brandão (2010) explica que, desde cedo, os jesuítas compreenderam a serventia dos dramas, cantos e danças no ensino e práticas de catequese dos povos nativos. Ao serem interpretadas, neste estudo, em sua dimensão educativa, as ladainhas configuram-se, portanto, como importantes mediadores culturais.

Segundo Fonseca (2003, p. 68), o conceito de *passeurs culturales* (mediadores culturais) foi utilizado por Gruzinski, ao investigar as culturas mestiças no México colonial e compreendem:

Elementos – pessoas, objetos – que atuam como mediadores entre tempos e espaços diversos, contribuindo na elaboração e na circulação de representações e do imaginário. Por seu forte enraizamento cultural e sua grande mobilidade, esses mediadores atuam como catalisadores de ideias, sendo capazes de organizar sentidos e de criar um sistema de conexões dentro do universo cultural no qual transitam. A atuação desses mediadores permite entender como os diversos universos culturais se entrecruzam.

Nesse sentido, as ladainhas podem ser entendidas como mediadores culturais por meio dos quais um conjunto de saberes são postos em circulação, aproximando pessoas e culturas diversas. Entretanto, os rituais católicos, introduzidos pelos portugueses, ao serem

apreendidos pelos indígenas sofreram modificações uma vez que esse contato não se deu de forma pacífica. Montero (2006, p. 51), ao refletir sobre mediação cultural entre povos distintos, afirma que é imprescindível ter em mente que não se trata apenas de:

Observar o encontro de duas sociedades e/ou culturas distintas (e desiguais) e os efeitos de uma sobre a outra, mas de compreender como agentes em interação acessam alguns de seus códigos próprios ou se apropriam de alguns códigos alheios para significar.

Desse modo, ao ressaltarmos o contato interétnico entre culturas distintas, compreendemos as trocas culturais entre nativos e portugueses, para além da ideia de conflito. Tal foi o ocorrido com os rituais de ladainhas, constituídos por saberes repassados de geração em geração, por meio, sobretudo, da oralidade. Sua aprendizagem se dá no momento mesmo em que as ladainhas são rezadas, configurando-se essa prática como eminentemente educativa.

Este texto objetiva, portanto, analisar os rituais de ladainhas como espaços educativos nos quais saberes são ensinados e aprendidos. Indagamos: se não há escola para ensinar ladainha, como os rezadores aprenderam os saberes para a concretização de sua performance e como os repassam? Corroboramos com Brandão (2007, p. 22) ao afirmar que, mesmo em comunidades onde não há escola, os seres humanos para ensinar “às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos”, criam e desenvolvem métodos, recursos e situações para transmitir “o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade - ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela - idealiza, projeta e procura realizar”.

Para compreender as ladainhas em sua dimensão pedagógica, recorreremos à História Cultural que abre possibilidades para se pensar a educação como uma prática cultural, para além do território da escolarização formal. Segundo Burke (1991), a história cultural surge do alargamento dos estudos historiográficos centrados nas grandes narrativas do progresso e ascensão da civilização moderna ocidental, permitindo uma abertura a novos objetos, novos sujeitos, bem como para as dimensões não formais da cultura.

Fonseca (2003, p. 68-9) chama a atenção para o fato de que a História Cultural pode ampliar o olhar para as práticas cotidianas da educação, por meio das quais homens e mulheres se formam. Para a autora, tais dimensões são ainda pouco exploradas, sendo necessário “ampliar os horizontes para outras dimensões desse processo que não incluem, necessariamente, a chamada escolarização formal”. Assim, a articulação entre História

Cultural e Educação, abre brechas para se analisar processos educativos outros, vivenciados nas práticas cotidianas de sujeitos comuns, a exemplo dos rituais de ladainha aqui enfocados.

O texto resulta de uma pesquisa de campo, do tipo etnográfica, sob a metodologia da história oral, por meio das vozes e memórias de rezadores e rezadoras, bem como das observações dos momentos de reza ocorridos na Festividade do Glorioso Espírito Santo; na ladainha oferecida a São João e na Festividade de São Pedro, entre maio de 2018 a junho de 2010. Ao refletir sobre a história oral, Portelli (2010, p. 3) comenta que, geralmente, comete-se o equívoco de afirmar que “damos voz aos sem voz”. Contudo, pondera que se eles não tivessem voz, não haveria nada a gravar e a escutar. Logo, é correto afirmar que “os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra”.

Ao mergulharmos no universo das ladainhas, importa ressaltar a existência de duas modalidades: as capituladas e as cantadas a um só coro. As primeiras referem-se à ladainha rezada e também cantada por um grupo formado de homens e mulheres. Nesse caso, em particular, os homens cantam uma parte da letra da oração e as mulheres respondem com outra parte. No segundo caso, homens e mulheres cantam de maneira conjunta em um só coro. Em ambas as situações, diversos saberes são postos em circulação, com destaque para os saberes religiosos, musicais e poéticos.

Saberes religiosos: “Botava uma mesa com flores, duas velas, aí todo mundo se ajoelhava”

A cidade de Breves, lócus deste estudo, situa-se no sudoeste do Arquipélago do Marajó (PA), considerado o maior arquipélago flúvio-marinho do mundo (PACHECO, 2009). Ao analisarmos o contexto cultural das ladainhas nessa cidade, percebemos que o ritual faz parte do catolicismo popular, portanto, sem uma relação direta com a igreja oficial. É importante mencionar que “o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações” (CANCLINI, 2013, p. 221). Para Boff (1976, p. 49), o catolicismo popular, mesmo não estando ligado, diretamente, ao catolicismo oficial, não deve ser visto como um desvio em relação a ele, visto que “Constitui um diferente sistema de tradução do Cristianismo dentro de condições concretas da vida humana”.

Assim, o catolicismo popular pode ser entendido como uma das faces do catolicismo que não está ligado a uma elite, mas sim a uma vivência que é do povo comum, muito embora dele participem pessoas de diversas classes sociais. Para aprender a rezar as ladainhas, Dona Dora enfatiza que é necessário que o aprendiz, antes de tudo, seja católico e acredite no poder dos santos:

Na ladainha a pessoa tem que ter o conhecimento e saber que nossa Senhora existe. Porque tu sabe que pros protestantes não existe Nossa Senhora, né? Mas para nós é claro que existe. Então, uma pessoa que sabe que existe Nossa Senhora Santana, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora de Fátima. Então, a pessoa tendo esse conhecimento, ele faz uma ladainha (Entrevista).

Observa-se que esse saber envolve, primeiramente, a crença no poder que os santos exerce na vida das pessoas, pois são vistos como “divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa” (GALVÃO, 1955, p. 42). Para Dona Leonita, o alcance da graça é obtido na promessa ao santo, mas também por meio da fé do devoto: “Se você acredita, aí você vai conseguir e é isso que o povo faz, eu vejo que eles têm uma fé muito grande, sabe? (Entrevista).

Muito embora frequentem a igreja católica com assiduidade, os rezadores mantêm uma relação de afetividade com os santos, existindo uma intimidade bem peculiar entre ambos. Nas igrejas, os santos ficam em um lugar de destaque e distante das pessoas. Nas ladainhas, o santo homenageado também fica em lugar de destaque. Entretanto, as pessoas ficam próximas, uma vez que ele fica sempre em cima de uma mesa e os devotos ao seu entorno. Dona Dora, ao narrar sobre sua infância, descreveu como eram as ladainhas no interior onde morava. Por meio de suas memórias, é possível perceber como era o ambiente e a proximidade das pessoas com os santos:

Era pra Perpétuo Socorro, São Benedito... botava uma mesa com flores, duas velas, aí todo mundo se ajoelhava. Era uma mesa menor do que essa... e todo mundo rezando pro santo. Era uma coisa bonita, você passar numa casa e você ver um monte de gente na porta, os vizinhos todos iam pra lá, porque naquele tempo também não existiam tantos evangélicos (Entrevista).

Tratava-se, assim, de um momento íntimo em que não havia distâncias entre devoto e santo, constituindo, esse fato, um traço de continuidade com as ladainhas na atualidade. Um ponto a destacar é que, ao final dos rituais, as pessoas fazem fila para se ajoelharem diante do santo, momento em que agradecem e/ou solicitam bênçãos. Essa relação de

proximidade permite, por exemplo, que um devoto possa segurar o santo durante toda a ladainha, caso tenha feito uma promessa cujo pagamento seja esse. Quando isso acontece, Dona Enilda explicou que: “Eles vêm aqui, antes, pra não perder o lugar, [pois] eles têm a promessa de segurar o santo durante a ladainha” (Entrevista).

Essa maneira de viver a fé, na qual se estabelecem laços íntimos com os santos, não é vista com bons olhos pela Igreja católica. Maués (1995), ao explicar a relação entre devoto e santo, comenta que apesar das pessoas acreditarem que os poderes dos santos são concedidos por Deus, o milagre, para o catolicismo popular, é um fato extraordinário que advém do santo e da sua imagem.

Ao analisar o prelado marajoara, Pacheco (2009) afirma que, apesar de sua tentativa de disciplinar as antigas práticas de devoção aos santos, não conseguiu acabar com essa relação entre fiel e santo, de modo que, para a igreja agostiniana, a religiosidade popular marajoara é ainda uma preocupação muito atual. Conforme o autor:

Para o bispo D. José, ‘há uma concepção falsa de que Santo Antônio, São Sebastião, São Jorge, Nossa Senhora vai salvar uma pessoa. O lugar desses santos é depois de Cristo’. Assim, vê a consciência católica marajoara pouco lúcida, por ser portadora apenas de uma identidade formal, o que corrói e enfraquece uma prática cristã autêntica (PACHECO, 2009, p. 186).

Segundo Pacheco (2009, p. 186), para o devoto prevalece o poder do santo, pois ele é quem resolve as questões mais imediatas, além de que “tradicionalmente desenvolveu fortes laços afetivos que marcam profundamente suas identidades religiosas”. Desse modo, embora a igreja busque controlar esses laços, os rezadores de ladainhas evidenciam que não se importam com tais opiniões e assim resistem e mantêm sua forma de viver a fé. Para Dona Élide, se isto está certo ou não “Deus é quem vai decidir, mas é uma coisa que faz bem. Então, eu acredito que não esteja errado” (Entrevista). Dona Maria também explicou sobre essa relação e enfatizou sua crença nos santos:

A gente sabe o que o pessoal diz assim ‘ah porque a gente adora um santo’. Não! ‘Ah porque vocês têm um pedaço de madeira aí pra rezar’ Não! Eu acho que não porque se você tem a foto, eu tenho a minha mãe ainda, graças a Deus, mas o meu pai já faleceu, se eu tenho a foto do meu marido, tá aí na parede, né. Ai como diz o ditado eu não vou tirar dali para jogar fora porque eu sei que ele não tá mas aí, mas a foto dele tá. É a mesma coisa que um santo, você vai e tem um santo porque aquele lá foi um dia uma pessoa como você, quantos de nós não somos santos?! Ele não vem dizer se ele virou santo ou se não, mas a gente crê (Entrevista).

Maués (1995, p. 180) comenta que os santos são pessoas como todos nós que viveram na terra. No entanto, se diferenciam dos seres humanos pelo fato de “terem passado pelo processo de santificação. Esse processo inclui, entre outros aspectos, o ‘reforme de vida’, significando que foram pessoas desprendidas das preocupações materiais (comida, bebida etc.) e da maldade”. Dessa forma, os saberes religiosos implicam, de um lado, a relação de afetividade com os santos. De outro, envolvem o conhecimento de um repertório de orações.

Durante a execução das ladainhas, além da oração em latim, outras são rezadas, como é o caso do: Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e o Jaculatório.ⁱⁱ Ao evidenciar o trânsito entre oral e escrito, essas orações encontram-se anotadas no caderno dos rezadores capitulantes, junto com a ladainha. Constata-se que, nessa “escola”, além de conhecer as orações, as pessoas aprendem a utilizá-las de maneira adequada. Conforme explicita Brandão “dado que qualquer criança sabe dizer o Pai Nosso ou a Ave-Maria, a qualidade de um bom rezador é medida por sua capacidade de guardar ‘rezas’ na memória e saber os momentos exatos dos usos das orações mais antigas” (BRANDÃO, 2010, p. 86).

No âmbito dos saberes religiosos aprende-se, ainda, um conjunto de valores que são repassados às gerações mais novas. Galvão (1955, p. 42) enfatiza que nas vivências do catolicismo popular há várias atitudes estabelecidas com os santos que são definidas por meio do respeito. São essas: “o cumprimento das promessas, atos como benzer-se diante da imagem” ou “dispensar-lhe o melhor lugar da casa”. O respeito, contudo, não se dá apenas na relação entre o devoto e o santo, posto que, os rezadores ganham o respeito e consideração de toda a comunidade. Como índice de prestígio e hierarquia, ao final das ladainhas, eles são os primeiros a serem servidos do jantar, enquanto os demais ficam aguardando sua vez. Aprende-se, então, na prática das ladainhas, saberes ligados à sociabilidade que auxiliam as pessoas a viverem em comunidade de maneira respeitosa e solidária.

Cândido (2010), por sua vez, enfatiza a força da religiosidade como importante fator de sociabilidade. Assim, a partilha dos alimentos no contexto do ritual, em que nada é vendido, a forma como são adquiridos, por meio de doações, possibilita aos mais novos a vivência comunitária pautada nos valores da solidariedade, muito presente nos meios rurais. Isso permite uma renovação da vida, dos laços de amizade e de troca, contradizendo “o individualismo que frequentemente se associa à vida urbana” (DURHAN, 1978, p. 191). Em

outras palavras, essa experiência vivida no mundo rural, recria uma cidade mais comunitária e solidária e menos disseminadora de práticas individualistas. Além dos saberes religiosos, uma vez que a ladainha é um ritual cantado, de imediato se constata a circulação de saberes ligados à música.

Saberes musicais: “Tu escuta nós rezar e tu procura a tua voz imitar a nossa”

Ao perguntarmos o que era necessário para ser um bom rezador de ladainhas, a maioria respondeu que, primeiro, era preciso ter vontade, contrariando a resposta que imaginávamos de ser um bom cantor. Ao indagarmos, então, se era importante ter uma voz bonita e afinada, a maioria deles disse que isso não era preciso.

No início, nos pareceu estranha essa resposta, já que nos rituais as vozes soam harmonicamente aos ouvidos de quem acompanha. Contudo, ao narrarem episódios em que se mostraram exigentes com a questão da afinação e da voz, compreendemos que a formação do cantor de ladainhas se dá no desenrolar do próprio ritual, não se configurando como uma exigência prévia ao aprendiz. Dessa maneira, é correto afirmar que ter uma boa voz não é pré-requisito para se iniciar a aprendizagem do ritual, pois, como afirmou seu Dico, se a voz não for boa, se “a pessoa não souber ela aprende... não é difícil” (Entrevista). Para isso, seu Libório explicou que basta ir nas ladainhas e “tu fica orientando como é que a nossa voz aí vai, tu tem teu livro, aí vai” (Entrevista).

Brito (1999, p. 153), ao falar das cantorias coletivas e dos benditos no sertão baiano, explica que, por meio do ensino dos benditos, é possível perceber as “características e estruturas em que a linguagem oral se manifesta, se dá a ver”. Para o autor, por meio deles se aprende o multidimensional da linguagem oral, principalmente, “a dimensão do tempo”, “a melodia na entonação e a intensidade no canto”. Nas ladainhas, também é por meio da oralidade que entonação, ritmo e intensidade do canto são apreendidos. Ao refletirem sobre os saberes musicais, a maioria dos rezadores atribuiu os seus conhecimentos a um dom divino, conforme se constata nas palavras de seu Antônio Carlos:

Isso é uma coisa muito antiga por isso que ela é um tesouro. É um tesouro que não se deve jogar fora não, por isso que eu disse que enquanto eu for vivo aonde me convidarem pra fazer uma ladainha eu vou fazer, se Deus quiser! Deus me deu esse talento, esse dom (Entrevista).

Entretanto, embora atribuam seus talentos musicais como resultado de um dom divino, isso não significa que as pessoas já nasçam com os saberes ou que os adquiram, exclusivamente, por uma benção de Deus. Brandão (2010), ao analisar os saberes dos

mestres de folias, afirma que o dom, a inclinação, a invocação, o jeito é algo natural do exercício do saber e está diretamente ligado ao gosto: “Na verdade, uma das maneiras de demonstrar o dom é gostar de exercer aquilo que ele aponta”. Entre os agentes de rituais do catolicismo popular, “a evidência do dom não se dá como entre magos e feiticeiros. Como regra geral, não existe um momento de descoberta dramática da presença da qualidade do diferente [...]. A criança que descobre o dom começa a exercê-lo” (BRANDÃO, 2010, p. 117-18).

Dessa maneira, ao enfatizarem que qualquer pessoa pode cantar, os rezadores compreendem que para aprender a cantar basta o aprendiz ter os requisitos básicos: vontade e paciência. Assim, o dom configura-se como “um caminho para o acesso e o domínio de conhecimentos técnicos, éticos e doutrinários”. Tais saberes, “de acordo com o grau e o modo como se combinam em cada sabedor, fazem a diferença entre um devoto comum e um devoto-artista e, entre este último, estabelecem a diferença entre um folião comum e um folião graduado” (BRANDÃO, 2010, p. 63).

Os rezadores demonstraram ser exigentes quanto à seleção de outros rezadores que podem cantar ladainhas junto com eles. Seu Janjão descreveu um episódio em que o capitulante da ladainha perguntou se alguém da comunidade gostaria de ajudar as mulheres a responderem a oração. Então, um rapaz se disponibilizou a cantar e, com isso, “esculhambou/arrombou” com a ladainha. Na ocasião, Seu Janjão ficou irritado pois, segundo ele, para cantar como um rezador habilitado “tem que saber o verso e ter a voz boa. Tem que saber o que é som, o que é nota afinada, tem que conhecer o que é um pouco da música” (Entrevista).

Seu Libório também relatou que quando capitula ladainha há momentos no qual é necessário dar uma chamada de atenção até nos seus companheiros, rezadores habilitados. Isso porque, quando eles “puxam” muito a voz, comprometem a execução da ladainha:

Tem vez que eu me maltrato porque capitular é mesmo que ser um instrumento, tem que afinar a voz. Eles afinam o instrumento, né? E eu tenho que consertar a minha garganta e afinar a garganta dos outros lá, porque se um faz de um jeito que não dá comigo, o que é que acontece? Eu forço muito a minha garganta. Às vez ele tá fazendo muito alto aqui, eu só dou uma cutucada nele: ‘olha faz mais baixo’, aí o negócio controla, porque se não controlar não dá certo, né? Esculhamba tudo a garganta da gente (Entrevista).

Expressando saberes musicais, seu Libório explicou que a voz é igual um instrumento e, como tal, deve ser afinada. O capitulante é como um maestro responsável por comandar

o grupo para que tudo ocorra em perfeita harmonia. Para isso, deve ser capaz de conduzir todo o grupo:

Tu arruma umas pessoas que controlem a voz certa, porque se não controlar, é como eu tô te dizendo, nunca vai dá certo... um reza prum lado, fica tudo errado, aforça a garganta. Tu tem que arrumar um grupo que seja certo pra que não escangalhe as voz e fique fora do som. É como eu te disse, é como um instrumento, tem que afinar. Quando eu com o Samuca rezo e mais alguns lá, aí eu mesmo acho bonito que a voz trina... mas tem uns que tá no meio e escangalha (Entrevista).

Na cidade de Breves, há duas maneiras de rezar ladainha: a cantada a um só coro (ou ladainha por música) e a cantada de maneira capitulada. Dona Élide explicou que nas ladainhas cantadas, geralmente, há a presença de duas vozes sem instrumentos musicais. Entretanto, Dona Élide comentou sobre sua vontade de aprender a tocar um instrumento para poder acompanhar a ladainha:

Inclusive têm vários tons, várias toadas... eu comprei um violão pra mim aprender, tá lá guardado. Tá lá guardado, eu disse que eu tinha vontade de aprender duas coisas, ou violão ou teclado pra mim reza essa ladainha. Nenhuma das duas eu aprendi, eu não sei se Deus vai me permitir, mas eu tenho muita vontade, sabe? E, aí eu disse que paro ano, até isso eu vou mudar, eu não vou mudar a ladainha nada, mas eu quero que seja acompanhada (Entrevista).

Nessa fala, é perceptível um processo educativo mediado pelas ladainhas. Os rezadores e rezadoras compreendem que a aprendizagem é um processo constante que se dá ao longo da vida e que a tradição não é algo petrificado, posto que o ritual está aberto às mudanças e adaptações, até mesmo para os rezadores mais antigos.

Na ladainha capitulada, por sua vez, os rezadores revelam existir maneiras diferentes de cantar. Seu Samuca explicou que, antigamente, eram cinco homens que ficavam à frente dele. Quanto à quantidade de mulheres para responder, afirma que nunca teve um número exato estipulado:

Tendo uma pra responder o resto leva tudinho. Agora pro homem... agora que nós temo rezando diferente. Mas eu rezei muito assim, eu era o primeiro, tinha um do lado daqui que era o baixo, tem o segundo, que faz a segunda, e tem o alto e tem o contralto. Esses dois aqui faz voz fina, o alto e o contralto. Sai uma ladainha que é uma beleza. Só que o pessoal foram perdendo esse aí, não tem quem faz o baixo... Agora a gente tem rezado assim, se tiver quatro é só a voz. Ainda mais quando não tem quem faça a segunda, quando tem é só o Libório que faz (Entrevista).

Seu Libório explicou que “o contrabaixo faz a voz grossa, tem um segundo que faz mais baixo que eu, a minha voz, e lá no fim tem um contra alto que grita” (Entrevista) e que todos esses saberes musicais foram apreendidos nas suas vivências de rezador.

Entre os rezadores contemporâneos também existem estilos diferentes de se capitular. Seu Dico, por exemplo, comentou que não gosta de cantar com alguns rezadores porque “eles têm uma diferença de rezar, tem outra entoada. Eu já tô acostumado com o Samuca”. Segundo ele, “têm uns que atrapalha o outro. Quando a gente tá terminando aqui o outro tá começando, aí eu fico reclamando ‘olha! por isso que eu não gosto de rezar com fulano, fulano, fulano’” (Entrevista). Assim, ao comentarem que a tradição está acabando acredita-se que eles se referem à forma como eles aprenderam a rezar.

A respeito dos instrumentos musicais, atualmente, somente Seu Janjão tem o saber de acompanhar as ladainhas. Porém, há alguns anos ele não toca mais por questões de saúde. O domínio dos instrumentos musicais ocorre da mesma maneira que se dá com o canto, ou seja, observando e praticando. O rezador, que é autodidata, explica que para tocar um instrumento basta ter um que a pessoa aprende, não precisa fazer aulas, basta querer aprender e se dedicar.

Os saberes musicais dos rezadores e rezadoras foram visualizados através da performance e das entrevistas. Em se tratando destas, ao comentarem sobre conhecimentos musicais, eles misturam a linguagem “técnica” da música com a linguagem do cotidiano. Assim, ao falarem sobre música usam termos como alto, contralto e tenor, por exemplo, mas para explicar que alguém cantou desafinado eles usam palavras como: “escangalhou”, “arrombou” e “esculhambou”. Isso ocorre porque aprende-se a “cultura popular oral não como algo pronto, ou como um ‘dado’, mas como manifestações que se evidenciam nas experiências de vida e são memorizadas no confronto com expressões de uma cultura erudita letrada” (BRITO, 1999, p. 212).

Ressaltamos, assim, a importância dos saberes musicais para a ritualística das ladainhas, oriundos da própria experiência dos rezadores e rezadoras, visto que nunca tiveram aulas formais de música. Assim, imbricados em uma pedagogia cultural, seus saberes foram tecidos “na relação entre o conhecimento e a vida humana” (BONDÍA, 2002, p. 26). Os saberes da experiência, conforme Albuquerque (2016, p. 33-4), se expressam em uma multiplicidade de lugares, a exemplo dos “mercados, feiras, quintais, santuários, praças, e demais espaços onde se constrói subjetividades”. Englobam, ainda, “os rituais e

festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, da ludicidade, das diversas formas de expressão artísticas (literária, musical, cênica, visual) e de tantas outras práticas da vida social”. Tal é o caso dos rituais de ladainha em meio aos quais saberes poéticos também são compartilhados.

Saberes poéticos: “Eu já tenho em memória”

Os saberes poéticos estão relacionados a execução da performance do ritual. Em poesia oral “a performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida” (ZUMTHOR, 2010, p. 31). Para o autor, a performance é a única forma de comunicação poética. Mas, em que a poesia se relaciona com as ladainhas?

Para Zumthor (2007, p. 45), “entre um ‘ritual’ no sentido religioso estrito e um poema oral poderíamos avançar, dizendo que a diferença é apenas de presença ou ausência do sagrado”. Desse modo, é correto afirmar que os rezadores de ladainhas se configuram como poetas da voz, uma vez que o “poeta subentende vários papéis, seja tratando-se de compor um texto ou de dizê-lo” (ZUMTHOR, 2010, p. 234).

Ao refletir sobre a aprendizagem no ritual das ladainhas, dona Élide explicou que aprender a cantar ladainha, “é igual como aprender qualquer uma cena de teatro” (Entrevista). Assim, a performance do ritual se dá para além da voz e tanto a audição, quanto a visão se tornam primordiais uma vez que, além da voz, as expressões faciais e corporais devem ser observadas pelos aprendizes. Zumthor (2010, p. 217) lembra que “a oralidade não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”.

Antonacci (2001), ao estudar as práticas de linguagem em cordéis, afirma que a produção do discurso se baseia no vocal e no gestual, nos sentidos e nas sensibilidades. Tal discurso é interiorizado “na memória corporal” e “adquirem expressão na performance de quem narra e de quem escuta”. Assim, “nas formas poéticas orais é o corpo que fala, não só porque a voz emana do corpo, que emite sons, ritmos, sinais, pulsações, mas porque a memória oral faz do corpo o seu suporte” (ANTONACCI, 2001, p. 128).

Nesse sentido, uma observação equivocada do ritual das ladainhas poderia compreendê-lo como uma simples leitura da oração, já que os rezadores utilizam a oração escrita, no caso de a memória falhar. No entanto, Zumthor (2010) afirma que, em performance, dois elementos funcionam juntos: “música e texto poético”. O texto escrito é

utilizado mais como um suporte, caso seja necessário, conforme explicou Seu Libório: “Eu já tenho em memória até aqui, tá gravado, agora pra cá eu me atrapalho” (Entrevista).

Portanto, aprender a cantar ladainha não é apenas pegar um papel com a letra e cantar de qualquer jeito, posto que há toda uma sabedoria que implica em uma melodia a ser seguida e uma maneira de se portar, na qual o corpo fala, o olhar fala, as pausas e o silêncio também falam. A forma como isso é feito varia entre os rezadores e rezadoras, porto que mudanças ocorrem no interior de cada grupo e “a ‘falha de memória’, o ‘branco’ em performance é mais episódio criador do que acidente” (ZUMTHOR, 2010, p. 253). Afinal, como explica Bosí (1994, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. A respeito disso, Maués (2011, p. 23) comenta que “há várias manifestações culturais no plano dos costumes, das crenças, dos símbolos e em diversos outros domínios, que podem ser pensadas como universais”. Para ele:

No entanto, elas nunca se mostram em diferentes povos e em diferentes localidades e culturas com absolutamente as mesmas características, pois é próprio da cultura e da sociedade humana, a partir de seu saber local, da maneira singular como constrói sua cultura e sociedade, mostrar especificidades.

Nesse sentido, a performance realizada em cada ritual de ladainha é única. A despeito da existência de características comuns à de outras comunidades, ela possui suas especificidades. Seu Samuca comentou que em uma viagem feita para o interior de Breves, presenciou um ritual realizado por um grupo de jovens rapazes:

Pros interior tem um grupo de rapaz lá pro Bechiga Grande, lá nos Macacos... Eles tiravam [capitulavam ladainha] só que junto com as mulher, as mulheres com eles, tiravam tudo junto. Aí eu vi aquilo, mas eu não eu não quis falar nada pra eles porque eles estavam aprendendo. Pode ser que mais adiante eles passem a fazer, trabalhar certo. Eu não sei se eles aprenderam, mas acho que aprenderam. E isso vai da vontade da pessoa (Entrevista).

Assim, para o rezador, a maneira como o grupo reza é errada porque é diferente da forma como ele aprendeu a executar. Compreendemos, entretanto, que se trata de um exemplo de variação ocasionado por motivos culturais. Wulf (2016) explica que os rituais estão sempre se atualizando, portanto, não se reproduzem apenas como cópias. Nesse sentido, nos rituais observados, percebemos a fé transbordar, naturalmente, do corpo daqueles rezadores e rezadoras que se movia em processos lentos, como se estivessem quase parando, mas em vibração com as suas vozes. Estas alternavam-se em timbres, ora

muito alto, ora mais baixo e todas acompanhavam a alternância. De certa forma, isso pulsava em todos os presentes, mesmo que a maioria não tivesse ideia do significado em português da letra completa da oração, uma vez que muitos conhecem apenas a parte que se repete, constantemente, *ora pro nobis (rogai por nós)*. Dona Élide afirmou, por exemplo:

Eu só sei que ela é em latim, o que diz eu não sei exatamente, eu sei que não é coisa ruim, né? (Risos). Porque é reza, então... apesar de muitas palavras a gente não pronuncie exatamente correto, mas foi o que a gente aprendeu e a gente vai cultivando até hoje (Entrevista).

Mesmo os rezadores afirmando não saberem o que a letra em latim significa, observa-se que o mais importante é como eles sentem e são tocados pela oração. Trata-se, assim, de um atravessamento possibilitado pela sensibilidade da performance, sentida por quem presencia, pois o olhar também “fala”.

Considerações finais

Procuramos mostrar neste texto os saberes postos em circulação e apreendidos nos rituais de reza das ladainhas na cidade de Breves-PA. Através da tradição oral os rezadores e rezadoras, por muito tempo, foram os responsáveis por fazer circular a palavra de Deus nas suas comunidades, principalmente, nas zonas mais distantes, onde não havia a presença de padres, configurando-se, nesse sentido, como importantes mediadores de saberes. Tais saberes, “não estão, necessariamente, submetidos a processos de escolarização. Do mesmo modo, a forma de sua transmissão também não implica, necessariamente, a presença de um professor ou um gesto intencional de ensino” (ALBUQUERQUE; SOUSA, 2016, p. 239).

A análise evidenciou que, até hoje, os rezadores e rezadoras de ladainhas são pregadores da palavra de Deus e responsáveis pela renovação da fé. A tradição, portanto, não está findando, mas em constante movimento e, dentro desse processo, culturas e pessoas são essenciais para sua reinvenção. Assim, no trânsito entre tradição e modernidade, cultura rural e urbana, erudita e popular, o ritual vem resistindo.

Além da renovação da fé, das permanências, rupturas e mudanças na tradição, destacamos, primordialmente, o ritual das ladainhas como um espaço educativo, no qual saberes são compartilhados entre gerações, através de uma metodologia própria fincada na experiência, memória, oralidade, atenção, corporeidade e na sensibilidade. Trata-se de um processo educativo eficaz para aprendizes abertos à experiência e que possuem, acima de tudo, o desejo e a vontade de aprender.

Diferenciando-se dos processos educativos de natureza escolar, nas “escolas” de ladainhas não há professores que explicam determinados conteúdos de maneira exaustiva. Os educadores são os próprios rezadores e rezadoras que mostram seu fazer a partir da vivência da prática ritualística, na qual saberes são circulados e apreendidos pelos sujeitos. Nessa experiência, portanto, quem mais fala/mostra e ensina é o próprio ritual de ladainhas e para ouvir/ver e aprender é necessário, sobretudo, que o aprendiz observe com paciência, atenção e vontade, valores fundamentais nessa educação.

O êxtase sentido, ao participar das ladainhas, é possibilitado através da performance dos rezadores e rezadoras e envolve fé, voz, expressão corporal e facial uma vez que apenas a letra da ladainha não é capaz de causar toda a emoção sentida no ritual performático. Dessa maneira, constata-se que os saberes religiosos, musicais e poéticos das ladainhas somente são apreendidos pelos sujeitos que se envolvem na performance como ouvintes sensíveis.

Ao evidenciarmos as ladainhas como um processo educativo atravessado por saberes, procuramos também deixar claro que, muito além de uma perspectiva escolarizada ou acadêmica, a educação encerra sentidos bastantes amplos, podendo acontecer em diversas instâncias da vida, em diferentes espaços e com sujeitos e metodologias variados. A história cultural, ao alargar os horizontes para outras dimensões da educação, abre brechas para se analisar processos educativos outros pelos quais homens e mulheres constroem suas subjetividades, a exemplo dos rituais de ladainha aqui apresentados.

Referências

- ALBUQUERQUE, M. B. B.; BARBOSA, R. G. A Religião como Educação. **Revista de Educação**, Campinas, v. 1. p. 127-37, 2016.
- ALBUQUERQUE, M. B. B.; SOUSA, M. B. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, G. R.; PACHECO, A. S. (Orgs.). **Uwakürü: dicionário analítico**. Rio Branco: NEPAN, 2016. E-book. Disponível em: <<https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/628>>. Acesso em: 3 Jul. 2021.
- ANTONACCI, M. A. Tradições de oralidade, escritura e iconografia na literatura de folhetos: nordeste do Brasil, 1890/1940. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 105-138, 2001.
- BELO, C. F. Ximenes. **Ladainhas de Nossa Senhora: Meditações sobre cada invocação**. Porto: Edições Salesianas, 2016.
- BOOF, L. Catolicismo popular: que é catolicismo? In: **Catolicismo Popular**, REB, 36, pp. 19-52, 1976.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BONDÍA, J. L. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em 15 jan. 2020.

BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007.

_____. **Prece e Folía**: Festa e Romaria. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

BRITO, G. M. **Pau de colher**: na letra e na voz. São Paulo: EDUC, 1999.

BURKE, P. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: EDUNESP, 1991.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.). **A Escrita a história**: novas perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1992. pp. 7-37.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2013.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. São Paulo: Autêntica, 2008.

DAMINO, A. **Na escola de Maria**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.

DURHAN, E. R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FONSECA, T. N. L. História da educação e história cultural. In: VEIGA, C. G.; FONSECA, T. N. L. (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 43-75.

GALVÃO, E. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Ed. Nacional, 1955.

MAUÉS, R. H. **Padres, Pajés, Santos e Festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.

_____. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Revista Norte Ciência**, (online), v. 2, n. 1, p. 1-26, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/3015220/Outra_Amaz%C3%B4nia_os_santos_eo_catolicismo_popular>. Acesso em: 5 ago. 2018.

MONTERO, P. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. In: MONTERO, P. (Org). **Deus na Aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006. pp. 31-67.

PACHECO, A. S. **En El Corazón de la Amazonía**: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras. 2009. 354 f. Tese (Doutorado em História Social) - PUC, São Paulo, 2009.

PORTELLI, A. História Oral e Poder. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 6. n. 2, p. 2-13. 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/issue/view/2081>>. Acesso em: 5 out. 2018.

SEHNEM, F. Oração de Súplica. **Revista da Associação do Senhor Jesus**, Valinhos, n. 220, p. 20, 2015.

WULF, C. Aprendizagem cultural e mimese: jogos, rituais e gestos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 553-568, jul-set., 2016.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Notas

ⁱ Artigo oriundo de Dissertação defendida no PPGEd da UEPA.

ⁱⁱ Pequenas orações dirigidas à Deus ou aos santos, nesse caso, aos santos para os quais se rezam ladainhas.

Sobre as Autoras

Paula Fernanda Pinheiro Souza

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. Mestra em Educação pelo PPGEd da UEPA. pinheipaula178@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0003-3728-9314>

Maria Betânia Barbosa Albuquerque

Dra. em Educação (PUC-SP) com Pós-Doc. (CES-PT). Prof^a. do PPGEd da UEPA. mbetaniaalbuquerque@uol.com.br / <https://orcid.org/0000-0002-9681-9293>

Recebido em: 24/07/2021

Aceito para publicação em: 29/07/2021